

O PROFESSOR INICIANTE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: INSERÇÃO PROFISSIONAL, DESAFIOS E POSSIBILIDADES

THE BEGINNING TEACHERS AT SCHOOL PHYSICAL EDUCATION: PROFESSIONAL INSERTION, CHALLENGES AND POSSIBILITIES

Nadiane Feldkercher¹
Franciele Roos da Silva Ilha²

RESUMO

Neste artigo tivemos como objetivo analisar a inserção profissional do professor iniciante de Educação Física na escola. Para isso, os objetivos específicos foram: a) compreender como o professor de Educação Física foi recepcionado e orientado em sua iniciação à docência na escola; b) analisar os desafios e as possibilidades desta fase profissional; c) compreender como esses professores percebem as suas práticas no início de suas carreiras. Esta investigação tem seus pressupostos metodológicos alicerçados na abordagem qualitativa. Realizou-se uma pesquisa de campo na rede municipal de ensino de Pelotas (RS), na qual foram feitas entrevistas semiestruturadas com seis professores de Educação Física iniciantes na carreira docente na escola. Os dados foram trabalhados a partir da análise de conteúdo. O texto está organizado em cinco partes. Na primeira introduzimos os principais conceitos que fundamentam o trabalho e os pressupostos metodológicos que sustentaram a pesquisa. Na segunda, terceira e quarta parte apresentamos os dados coletados e analisados, a partir das seguintes categorias: a recepção do professor iniciante de Educação Física na escola, os desafios e as possibilidades do professor iniciante na Educação Física escolar e, a percepção de professores iniciantes sobre suas práticas. Por fim, na quinta parte do texto, traçamos algumas considerações finais onde sugerimos um processo de assessoramento aos professores iniciantes na carreira docente.

Palavras-chave: Professor iniciante. Educação física escolar. Iniciação à docência.

1 Professora da Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, SC, Brasil. Doutora em Educação. Pós-Doutorado Universidade Federal de Pelotas. <https://orcid.org/0000-0002-8208-3369>. E-mail: nadianef@gmail.com

2 Professora Adjunta da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, RS, Brasil. Doutora em Educação e Pós-Doutora em Educação pela UFPel. E-mail: francieleilha@gmail.com

ABSTRACT

In this article we aimed to analyze the professional insertion of the beginning teacher of physical education at school. For this, the specific objectives were: a) understand how the physical education teacher was welcomed and guided in his/her initiation to teaching in school; b) analyze the challenges and possibilities of this professional phase; c) understand how these teachers perceive their practices early in their careers. This research has its methodological assumptions grounded in qualitative approach. We conducted a field survey in the municipal school of Pelotas (RS), which were made semi-structured interviews with six beginning teachers of Physical Education in the teaching career at the school. Data came from the content analysis. The text is organized into five parts. At first we introduce the main concepts underlying the work and the methodological assumptions that supported the research. In the second, third and fourth part presents the data collected and analyzed from the following categories: the reception of the beginning teacher of physical education at school, the challenges and possibilities of the beginning teacher of Physical Education at school, and the perception of beginning teachers about their practices. Finally, the fifth part of the text, we did some final concluding which suggest an advisory process to beginning teachers in the teaching career.

Keywords: Beginning Teacher. School Physical Education. Beginning of Teaching.

1 INSERÇÃO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nosso trabalho situa-se no campo da iniciação à docência, abordando, mais especificamente o professor iniciante na educação física escolar.

Distintos estudos (MARCELO GARCIA, 2009, AKKARI; TARDIF, 2011) sugerem que na inserção docente sejam oferecidos aos professores iniciantes supervisão, suporte, apoio, orientação, assessoramento - ofertados, muitas vezes, por meio de programas planejados - que deem respostas às necessidades individuais desses atores que se adaptam ao seu novo papel. Afinal, como pondera Marcelo Garcia (2009) converter-se em professor é um processo. Processo, a nosso ver, que necessita de oportunidades e de tempo para o desenvolvimento profissional.

Porém, sabemos que nem todas as escolas, nem todas as redes ou sistemas de ensino, nem todos os municípios, estados ou

países proporcionam tais programas de assessoramento na iniciação à docência. Sem essas possibilidades formais de desenvolvimento profissional docente, os professores iniciantes podem intensificar seus sentimentos de tensão e angústia em suas inserções profissionais. Esses possíveis conflitos do início da carreira são denominados, por exemplo, de “nadar ou afundar” (MARCELO GARCIA, 2009) ou “prova de fogo” o que representa a ideia de que o professor tenha que seguir em frente aprendendo com as dificuldades ou esmorecer pelos desafios.

A oportunidade de participação em um programa de assessoramento pedagógico no início da carreira pode auxiliar no amparo das condições emocionais do professor iniciante e na construção de sua identidade docente. Nesse sentido, Marcelo Garcia (2009, p. 55) argumenta que “a forma como se aborda o período de inserção tem uma importância transcendental no processo de converter-se em um professor, seja em um iniciante frustrado ou pelo contrário em um professor adaptativo”. De outra forma, Akkari e Tardif (2011) destacam a existência de pesquisas que mostram que os programas de aconselhamento dos primeiros passos no ensino têm um impacto positivo para os professores iniciantes.

Nos estudos sobre os ciclos de vida profissional de professores, entre outros períodos, Huberman (1992) caracteriza o período denominado de entrada na carreira. Para o autor, a entrada na carreira pode ser permeada de angústia, medo e insegurança (o que caracteriza o choque com a realidade) e/ou pode ser permeada de entusiasmo, experimentações de formas de agir e pensar (o que caracteriza a descoberta de possibilidades). Ambas as possibilidades não excluem outras formas de experimentação do início da carreira docente, assim como não descartam a possibilidade de que estes sentimentos sejam experimentados em outros períodos de vida profissional, que não seja o da entrada na carreira (HUBERMAN, 1992).

No contexto da iniciação à docência na Educação Física escolar encontramos distintas pesquisas, voltadas a diferentes focos. Ilha e Krug (2012) e Freitas e Ramos (2012) apontam que a falta de uma base curricular para a disciplina de Educação Física é um problema e um desafio a ser enfrentado pelos docentes iniciantes em suas práticas. Gariglio et al. (2012), ao estudarem as singularidades do início da carreira do professor de Educação Física, apontam a ausência de legitimidade da disciplina no currículo escolar e a consequente dificuldade desses docentes de lidar com essa situação.

Outra questão presente nos trabalhos de Ilha e Krug (2012), Ferreira (2005), Thommazo (1996), Gori (2000) e Freitas e Ramos (2012) refere-se à reclamação das más e/ou insuficientes condições físicas e materiais da escola para as aulas de Educação Física - o que também trás implicações para o trabalho do professor iniciante.

Alguns professores iniciantes na Educação Física escolar dão importância para a aceitação de suas práticas pelos seus pares, como revela, por exemplo, a pesquisa desenvolvida por Costa (2012). Em contrapartida, outros professores reclamam do modo como a cultura escolar tende a regular suas práticas (OLIVEIRA, 2012; FREITAS, 2011).

A iniciação docente na Educação Física escolar também revela certas facilidades ou pontos positivos. Ilha e Krug (2016) indicam que geralmente os professores iniciantes são empenhados e motivados com a entrada na profissão, desejam fazer um bom trabalho ao desenvolver os conhecimentos aprendidos em sua formação, bem como buscam inovar e utilizar metodologias atuais de sua disciplina. Estes aspectos podem ser considerações fatores positivos nesta fase da carreira e relaciona-se ao que Cavaco (1992) chama do sentido social encontrado na profissão, ou seja, a escolha do ensino é reafirmada ou fortalecida, resultando numa identificação com a docência, que se mostra resistente às dificuldades. Outros fatores podem ser considerados favoráveis para o início da carreira do professor de Educação Física. Dentre esses, por exemplo, Cavaco (1992) cita a preferência dos estudantes pelos professores iniciantes e a afetividade manifestada por eles.

Ao investigar a inserção do professor iniciante de Educação Física na escola Gori (2000) discorreu sobre as dificuldades, as facilidades e os recursos utilizados na prática desses docentes. A autora constatou que o peso dado a estas dimensões difere para cada docente. As informações obtidas indicaram que para superar as dificuldades, o professor iniciante utiliza diferentes recursos em sua docência (pesquisa em livros e na internet, diálogos com colegas de profissão), sendo que os fatores que mais interferem em sua prática nesta fase são: a falta de experiência esportiva anterior, as influências familiares e sociais, o curso de formação inicial, a organização e estrutura da escola e as diferentes interações estabelecidas na instituição. O medo e a insegurança também apareceram em seus resultados bem como a forma de superação de tais sentimentos.

Os desafios com que o professor iniciante de Educação Física se depara são inerentes a todo processo educativo, mas também se associam as características da área de Educação Física e o modo como à disciplina é desenvolvida no contexto escolar. Ilha (2015, p. 93-94) aponta algumas destas peculiaridades quando destaca:

O fato do professor de Educação Física trabalhar com a cultura corporal de movimento e promover o desenvolvimento de práticas corporais nos processos de ensino-aprendizagem são historicamente associados à ideia de que a disciplina é restrita à dimensão do saber-fazer ou o que envolve e/ou ao que é circunscrita por atividades livres sem intencionalidade pedagógica. [...] Outro aspecto, diz respeito ao fato de que as aulas de Educação Física são desenvolvidas, na maioria das escolas, em espaços físicos descobertos, sensíveis às ações do tempo. [...] O espaço físico na Educação Física também remete para outra peculiaridade da área, o trabalho destes docentes constituem vitrine para toda a escola, pois geralmente as aulas são realizadas em locais livres ao trânsito de pessoas.

Estes aspectos tendem a dificultar o trabalho do professor de Educação Física na escola. No primeiro caso, no desenvolvimento de conhecimentos nas dimensões conceituais e atitudinais pela resistência tanto dos alunos quanto de outros professores e gestores. No segundo, o frio, o calor, o vento, a chuva e o trânsito de pessoas podem atrapalhar ou impedir a realização das atividades e envolvimento dos alunos nas mesmas. E, no último caso, a aula de Educação Física como “vitrine” pode suscitar comentários, opiniões e julgamentos sobre a qualidade das aulas e do trabalho do professor.

Ferreira (2005) analisou a aprendizagem profissional no primeiro ano da carreira de dois professores de Educação Física participantes de um programa de iniciação à docência, conduzido por uma mentora (autora do estudo). Os docentes iniciantes contaram ter vivenciado uma série de emoções, desafios pessoais e profissionais; disseram ter enfrentando dificuldades para compreender os alunos, a direção e os demais professores; expressaram encontrar limitações de espaço físico e de materiais para o desenvolvimento das aulas. Ao longo do programa de iniciação, esses professores melhoraram suas concepções em relação aos demais sujeitos dos processos de ensino e de aprendizagem,

construindo inúmeras estratégias de ação, estabelecendo rotinas, fazendo acordos com os alunos e negociando com a direção e com os outros professores. O programa propiciou aos docentes a promoção de aprendizagens ligadas às necessidades do início da carreira. Esse programa é um exemplo de que o assessoramento pedagógico no início da carreira, aqui especificamente da Educação Física escolar, traz múltiplos benefícios para o desenvolvimento profissional e para o aprimoramento das práticas pedagógicas.

A partir desse contexto de inserção na carreira docente e das peculiaridades do professor iniciante na Educação Física escolar, neste artigo tivemos como objetivo analisar a inserção profissional do professor iniciante de Educação Física na escola. Para isso, os objetivos específicos foram: a) compreender como o professor de Educação Física foi recepcionado e orientado em sua iniciação à docência na escola; b) analisar os desafios e as possibilidades desta fase profissional; c) compreender como esses professores percebem as suas práticas no início de suas carreiras.

Para tal desenvolvemos uma investigação com pressupostos metodológicos alicerçados na abordagem qualitativa. Realizamos uma pesquisa de campo na rede municipal de ensino de Pelotas (RS), com a participação, por meio de entrevistas semiestruturadas, de seis professores de Educação Física, iniciantes na carreira docente na escola.

Os critérios de escolha dos professores foram ter até três anos de docência na Educação Física escolar, atuar no ensino fundamental da zona urbana e aceitar participar da pesquisa. Para preservar as identidades dos professores utilizamos nomes fictícios.

Nas entrevistas, os professores responderam aos seguintes questionamentos: 1. Como você foi recepcionado na escola? Recebeu orientações? Quais? 2. Como você caracteriza a sua inserção profissional na escola? Quais foram/estão sendo suas dificuldades e/ou facilidades? 3. Como você avalia as suas práticas docentes de professor iniciante? Os dados coletados foram trabalhados por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977) e geraram três categorias, apresentadas na sequência em forma de subtítulos.

2.1 A Recepção do Professor de Educação Física na Escola

O modo como o professor iniciante é recebido na escola contribuir com a constituição de sua identidade docente, com sua

segurança e autoconfiança docente. Nesta pesquisa, todos os professores iniciantes declararam ter sido bem recebidos nas escolas nas quais foram destinados a dar início a sua atividade docente. Eles contaram:

Nas duas escolas me receberam bem. (Fabiano).

Quando tu entras na escola tu és bem recepcionado porque normalmente a falta de professores gera um monte de problema. Então a escola sempre te acolhe bem (Ari).

Quando eu vim foi uma situação até bem tranquila [...] Quando eu fui nomeada, uma amiga minha já conhecia a diretora e a vice-diretora daqui da escola e eu sabia que precisava de alguém. Ela me disse que elas eram muito legais e eu quis vir para cá (Graziela).

Eu fui tri bem recepcionada nas duas escolas (Patrícia).

Na escola fui super bem recebida pela direção, pelos professores (Fabiola).

Fui muito bem recepcionada pela equipe diretiva, pela equipe de professores. A equipe de professores é maravilhosa, apesar de ter esta falta de professor muito grande. A equipe que tá lá é muito boa e bastante unida (Ludmila).

Em todos os casos percebemos que a acolhida aos professores iniciantes por parte das escolas e dos colegas foi favorável. Essa boa recepção pode ser considerada como um fator positivo do processo de socialização profissional dos professores iniciantes, que se sentiram bem com a acolhida.

Essa boa recepção pode estar atrelada a dependência que a escola, demais professores, alunos e comunidade escolar possuem ante esse professor, que chega para suprir uma necessidade existente. Metade dos professores entrevistados contou que nas escolas onde iniciaram a docência havia falta de professores de Educação Física e eles, ao ingressar, supriram esse problema. Assim sendo, possivelmente os professores iniciantes são bem recepcionados pois preenchem uma lacuna do coletivo profissional.

No entanto, ser bem recebido e acolhido pelos colegas não é suficiente para o processo de socialização e bem estar do iniciante, como observamos nos seguintes relatos:

Na escola só me mostraram a turma e onde fica o material. Não deram nada muito específico. Claro, eu fiz algumas perguntas, conforme as dúvidas. [...] Cada escola [...] me deu um papel com o currículo, que são bem parecidos nas duas escolas. Aí eu tenho liberdade para trabalhar conforme o caso (Fabiano).

Orientação sobre como tu te apresentas na escola, o que tu vais desempenhar, coisas assim eu não tive. Vai para a escola e lá tu te viras. (Ari).

Eu e a diretora conversávamos muito sobre os pequenos, sobre essa minha adaptação que foi um pouco difícil. Mas questões pedagógicas, para trabalhar, não tive praticamente nada (Graziela).

Foi bem fácil trabalhar, eles sempre tiveram junto, sabe? Para qualquer coisa que eu precisasse. Mas de orientação não (Patrícia).

Orientação sobre o trabalho não tive (Fabiola).

Não recebi orientação sobre aspectos do trabalho (Ludmila).

Alguns professores relembram que tiveram o apoio “emocional” por parte de colegas professores no início da carreira. Porém, nenhum dos professores colaboradores do estudo recebeu orientações sobre o processo de trabalho e suas peculiaridades, principalmente as orientações de base pedagógica.

Por mais que foram formados professores e estudaram aspectos relacionados à didática e práticas de ensino, ao ingressarem na docência os professores sentem a necessidade de retomar seus conhecimentos. O assessoramento pedagógico de um professor experiente seria interessante para esse momento.

A palavra “só” utilizada pelo professor Fabiano e a expressão “vai lá e te vira” mencionada pelo professor Ari são reveladoras dos seus sentimentos. O “só” indica a ausência de orientações pedagógicas e a falta de elementos que vão além das conversas e orientações burocráticas no período de iniciação à docência. O “vai lá e te vira” revela o isolamento do professor em início de carreira que, via de regra, é desafiado a enfrentar sozinho as dificuldades didático-pedagógicas encontradas em sala de aula - processo que Marcelo Garcia (2009) chama de “nadar ou afundar”.

Um processo de mentoria entre um professor experiente e o professor iniciante ou um programa de assessoramento pedagógico seria bem visto e recebido por esses professores em início de carreira. Essas iniciativas favoreceriam o desenvolvimento desses profissionais - conforme já comprovado por outras experiências (FERREIRA (2005); MARCELO GARCIA (2009), AKKARI; TARDIF (2011)).

2.2 Os Desafios e as Possibilidades dos Iniciantes

Discutir os desafios e as possibilidades do professor de Educação Física na entrada na carreira requer considerar sentimentos de angústia, medo e insegurança, mas também expressões de entusiasmo e experimentações, como pondera Huberman (1992) ao apresentar as características comuns a este período profissional.

Na especificidade da Educação Física, Gori (2000) nos ajuda na identificação das dificuldades e facilidades que o professor enfrenta na iniciação à docência, por meio de dados de sua investigação, mesmo considerando que cada docente sente de modo diferente a intensidade destes aspectos. Uma constatação foi que a experiência do professor com determinado esporte facilita o desenvolvimento deste conteúdo com os alunos, da mesma forma que a ausência de vivência esportiva (de um determinado conteúdo) dificulta o trabalho com o mesmo. Nesta mesma linha, quanto mais ricas, diversificadas e positivas as influências familiares, sociais, da formação inicial e as experiências/interações estabelecidas na escola, mais facilidades o professor terá e mais suave será seu processo de entrada na carreira.

Na pesquisa desenvolvida questionamos os professores iniciantes quanto às dificuldades e facilidades vivenciadas em seus inícios de carreira. Quanto às dificuldades ou desafios, eles expressaram:

Sei que tem gente que gosta muito de dar aula para as crianças e admito que tem momentos bons nas aulas. Mas infelizmente descobri que não é o que eu quero fazer na minha vida. Até conseguir um emprego melhor vai servir bem, pretendo trocar assim que for possível. (Fabiano)

A entrada na educação na escola pública é bem complicada, principalmente do jeito que está hoje. O aluno não tem valores muito definidos como se tinha

antigamente de respeito ao próximo, de respeito ao professor (Ari)

As crianças vivem numa realidade que eu não tinha nem ideia que pudesse existir. Tem crianças que só comem na escola, [...]. Isso me chocou muito, me incomodou muito [...]. No início eu vinha com uma aula preparada, maravilhosa, toda esquematizada, um circuitozinho, uma brincadeirinha e nada dava certo porque as crianças eram muito agressivas [...]. Tem coisas que me limitam, a estrutura da escola. Eu penso em passar um filme para eles pensarem sobre aquilo, mas os alunos não têm interesse de pensar, discutir (Graziela).

O que mais dificulta é que em algumas turmas eles brigam muito entre eles, aí é mais difícil de trabalhar. (Patrícia)

Quando tu inicia tu tens uma ideia formada de como trabalhar, mas quando tu chegas na realidade é bem diferente. Eu descobri que os alunos não gostam de Educação Física. Eles gostam de ir para o pátio e ficar aquele loquero [...]. Outra dificuldade é lidar com o comportamento, porque aqui é uma realidade bem difícil: eles brigam muito, há violência entre eles [...] lidar com isso está sendo muito difícil. [...] Às vezes eu fico me questiono se sou eu, se eu deveria ser diferente porque sou muito calma [...]. Já aconteceu de eles me mandarem para tudo que é lugar. O problema é com os professores especialistas (de Educação Física, de Artes, da Hora do Conto): com esses eles abusam. Com o professor regente deles não. [...] Sinceramente é bem diferente do que eu imaginei. Por horas dá vontade de desistir. É bem complicado. [...] Eu estou bem decepcionada com a minha profissão, não é nada daquilo que imaginava (Fabiola)

Ainda tenho muitas fragilidades. Reconheço uma em relação a lidar com essa questão da escola em si, da organização da escola. A ideia que tu tens quando tu entras é que é tudo certinho [...] A entrada na carreira é bem difícil. [...]. Não é por causa dos alunos, porque com os alunos eu não tenho dificuldades nem resistências [...] O meu maior problema é a equipe

diretiva e os outros professores. A equipe diretiva que não te apoia, [...] falta eles verem que a Educação Física também pode [...] promover o desenvolvimento e aprendizagem dos alunos. E os outros professores, no sentido da acomodação, eles te levam para essa acomodação. (Ludmila).

As dificuldades estão presentes nas falas de todos os professores iniciantes, ainda que dizem respeito a diferentes fatores. No geral, percebemos que alguns professores em suas entradas na carreira levaram um choque da realidade (HUBERMAN, 1992) e outros vivenciaram descobertas (HUBERMAN, 1992) que nem sempre soaram positivamente.

Fabiano em sua entrada na carreira descobriu o seu desgosto pela profissão docente e sinaliza que, quando possível, mudará de área de atuação. Algo parecido foi sinalizado por Akkari e Tardif (2011) quando expressaram que alguns jovens professores deixam “voluntariamente a sua profissão para viver e experimentar novas experiências de vida”, para mudar de carreira pois “valorizam uma certa mobilidade profissional e pessoal”, visto que “não têm a intenção de passar toda a sua vida ativa no ensino” (p. 128). Essa possibilidade de desistência que ocorre na iniciação chama-nos a atenção e remete a necessidades de pesquisas sobre o fato, tendo em vista o processo formativo desses profissionais e sua consequente inserção e retenção no mercado de trabalho.

Fabiano foi o único professor que mencionou querer sair da profissão docente. Porém, outros sinalizaram estarem frustrados e desanimados com a realidade que encontraram nas escolas. Esse é um fato nos leva a questionar: o que estamos fazendo nos cursos de licenciatura, que formam professores para a atuação em escolas básicas? Para a atuação em que escolas está sendo feita essa formação? É importante que essas frustrações, desânimos e desgosto pela profissão não venham a prejudicar o desempenho do profissional e afetar as possibilidades de aprendizagens de seus alunos. Esses aspectos retomam a ideia de que a inserção profissional docente é marcante na medida em que pode favorecer a constituição de um professor adaptativo - dando ênfase a suas potencialidades - ou a constituição de um professor frustrado - dando ênfase a suas limitações (MARCELO GARCIA, 2009).

As expressões "chocou", "incomodou", "muito difícil", "bem difícil", "desistir", "complicado", "decepção", "problema" foram usadas pelos professores para dizer das dificuldades enfrentadas na inserção profissional. São palavras significativas, fortes e que representam a dimensão negativa ou das dificuldades que foram experimentadas no início da carreira docente destes professores.

As realidades difíceis, que envolviam lidar com a pobreza e a violência dos alunos, somaram-se aos desafios da entrada na carreira. A maioria dos professores não imaginava as dificuldades sociais presentes nas escolas e encontrou limitações para atuar nessas situações.

Segundo a percepção de uma das professoras os alunos não gostam de Educação Física, eles gostam de "loquiar" (Fabíola). Entendemos que essa visão pode estar associada as suas angústias de início de carreira e ao seu enfoque nas dificuldades vivenciadas nesse momento, deixando para um segundo plano o reconhecimento das possibilidades de adaptabilidade e superação. De outra forma, a visão da professora pode estar associada ao papel de disciplina atribuído a escola e, mais essencialmente, ao componente curricular de Educação Física. O papel da Educação Física, desde sua inserção na escola, no início do século XX, tem sofrido modificações resultantes do jogo de forças e de relações de poder situados em determinados espaços e tempos da história. Objetivos ligados ao militarismo, esportivismo, capitalismo e higienismo atravessaram - e por vezes ainda atravessam - as práticas da Educação Física nos processos de ensino desta disciplina no currículo escolar. Neste sentido, até 1970 a Educação Física envolveu-se com estes movimentos que promoviam o ensino tradicional, o ensino pedagógico, o ensino tecnicista e competitivo e que a concebiam como atividade estritamente voltada ao saber fazer. A partir da década de setenta outros modos de pensar a Educação Física entram na disputa com os já constituídos. Cabe aos professores de Educação Física reconhecer essa trajetória histórica da disciplina e situar suas ações dentro de uma perspectiva de ensino não disciplinarizado.

Chama nossa atenção as dificuldades com a escola, com a equipe diretiva e com os colegas professores destacadas por Ludmila. A professora aponta a falta de apoio desses sujeitos no desenvolvimento do seu plano de ensino da Educação Física, o que revela a desvalorização atribuída a disciplina. Sua fala, bem como a de

Fabíola, estão imbricadas com a legitimidade da Educação Física na escola e na sociedade – questão já discutida por Gariglio et al. (2012).

A professora Graziela indica a falta de estrutura e de materiais na escola como entraves na sua prática docente, dificultando o trabalho no desenvolvimento dos conteúdos. Esta reclamação é frequentemente realizada pelos professores de Educação Física no contexto das escolas públicas, conforme observado por distintos estudos (ILHA; KRUG, 2012, FREITAS; RAMOS, 2012). Quanto a essa questão, trazemos um alerta. Igualmente a Ilha (2015), entendemos que não é negada a necessidade nem a importância da variedade e da boa conservação dos recursos físicos e dos materiais para as aulas de Educação Física. Ensinar basquetebol, por exemplo, não está obrigatoriamente vinculado a ter uma bola de basquete e uma cesta. É possível trabalhar com conteúdos conceituais, atitudinais e utilizar materiais alternativos para o trabalho com a dimensão procedimental. O problema ocorre quando a falta de espaço e de materiais impede a diversificação de conteúdos.

Quanto as facilidades e pontos positivos da iniciação, os entrevistados relataram:

tem momentos bons nas aulas [...] Não vejo nada positivo não. (Fabiano).

O ponto positivo é o retorno dos alunos, eles gostam da Educação Física, gostam do professor de Educação Física (Ari).

Facilidades eu vou te dizer que no primeiro mês eu não tive nenhuma (Graziela)

Tá bem tranquilo, mais tranquilo do que eu esperava. [...] Das facilidades tem a aceitação. Eles gostam da Educação Física, então é muito mais fácil de trabalhar (Patrícia).

O que eu posso botar de positivo? Deve ter, eu que não estou conseguindo lembrar. (Fabíola)

O que eu sei que é certo, que eu vou chegar lá e vou conseguir é o domínio da turma. Nunca perdi o domínio da turma [...] Quanto às facilidades... ah, tem essa aceitação dos alunos, de eu chegar todos os dias na escola e ser a primeira professora a ser cumprimentada, eles me abanarem de longe, os pequenos virem correndo

de onde estão para me abraçar, sabe? Quando tem as reuniões, os conselhos de classe sempre a melhor disciplina é a Educação Física. Esse é o reconhecimento que tenho porque sei que a aula que eu levar para eles, vai ser uma aula que eles vão gostar. E eu vejo a alegria deles, o envolvimento deles na aula (Ludmila).

Essas falas levam-nos a constatar que as dificuldades impactam mais os professores iniciantes do que as experiências positivas no início de carreira. Alguns professores ainda dizem que não tiveram facilidades ou que não lembram se houveram.

O mesmo aspecto indicado por uma professora como um desafio a sua prática é indicado por outros professores como um ponto positivo: a especificidade da Educação Física que gera nos alunos o gosto ou o desgosto por esse componente curricular. A maioria dos iniciantes indicou que o gosto dos alunos pelas aulas lhes favorece e motiva para o desenvolvimento das aulas. Esse fato pode facilitar o trabalho dos docentes e criar uma aproximação afetiva entre os alunos e o professor de Educação Física. O estudo de Ilha (2015) comprova esta preferência, ao constatar o elevado *status* da Educação Física, quando se trata dos interesses dos alunos. Esse gosto pela Educação Física e conseqüente aproximação entre alunos e professor pode gerar um ambiente prazeroso, proporcionando o reconhecimento do professor de Educação Física - seja ele iniciante ou não - e a difusão da alegria nessas aulas.

É interessante destacar a facilidade encontrada por Ludmila na entrada na carreira como docente na Educação Física e o seu domínio com a turma - tendo em vista que este é um aspecto pouco frequente nos discursos de outros professores iniciantes.

Mesmo diante das dificuldades e desafios que os professores de Educação Física enfrentam na entrada da carreira, entendemos que existem pontos positivos e facilitadores que os motivam no cotidiano do trabalho com a docência. Talvez uma das lacunas da iniciação à docência seja essa pouca percepção e valorização dessas experiências.

2.3 A Percepção dos Professores sobre suas Práticas

Os professores de Educação Física entrevistados foram incitados a avaliar suas práticas pedagógicas de início de carreira e ponderaram:

Eu tento ver os alunos individualmente. Alguns têm mais dificuldade e eu tento adaptar a aula [...] Mas a minha fragilidade mesmo é essa questão do controle da aula: assim, tu gritar com o aluno, impor a presença. [...] Nesse início se pode fazer qualquer coisa, mas não se sabe muito bem o quê vai funcionar ou não. Algumas aulas que eu fiz eu vi que mais ou menos deram certo. Outras não, foram um desastre. Então eu já estou aprendendo algumas coisas que funcionam ou não para as minhas turmas (Fabiano).

A gente está sempre em crise, né? Mas eu gosto. A gente sempre acha que pode melhorar a nossa prática. Eu acho que eu faço um bom trabalho. Eu procuro pensar no que pode melhorar (Ari).

Dentro do contexto que eu estou, eu tenho feito o meu máximo. [...] Eu sei que eu posso produzir mais, mas nesta realidade... (Graziela)

Eu me sinto bem, eu gosto do que eu faço, eu gosto de estar trabalhando com eles, é bem tranquilo. Eu gosto de interagir com eles (Patrícia).

Eu sempre pensei em tentar ensinar, eu sou bem esforçada em tentar colocar o conteúdo para eles. E isso é um ponto importante em mim, eu me esforço em tentar passar para eles o melhor. (Fabíola).

Hoje eu já consigo ter uma aula mais tranquila, já consigo ter um domínio de turma, já consigo ter com os alunos um momento bom de aula, não aquele momento de instrução. [...] eles já sentem uma proximidade maior comigo sabe. E talvez sejam muito mais receptivos ao meu conteúdo pela forma que eu conduzo a aula (Ludimila).

Os professores percebem que estão em processo de aprendizagem docente, que aprendem a partir de suas práticas pedagógicas e que se esforçam para terem um bom desempenho em aula com os alunos. Esses dados aproximam-se da indicação de Akkari e Tardif (2011, p. 124) quando expressam que na inserção profissional ao ensino o professor “aprende a dominar seu ofício, a

descobrir seus próprios recursos e limites pedagógicos, a construir uma bagagem de saberes e de competências procedentes da sua experiência no ofício docente”.

Eles percebem ainda fragilidades (“dificuldades com domínio de turma” - Fabiano) e potencialidades (“gosto do que faço” - Patrícia; “facilidades de domínio de turma” - Ludimila) em suas práticas. Indicam que “se esforçam” (Fabiola), “sempre acham que podem melhorar” (Ari), “tentam fazer o máximo que podem” (Graziela), o que indica o reconhecimento da necessidade de investimento reflexivo e formativo no seu fazer docente.

Este investimento corrobora com a concepção de desenvolvimento profissional, processo que o professor percorre ao longo de sua carreira, com vistas à aprendizagem docente, a revisão de conceitos e práticas e o abandono de concepções que julgar inadequadas. O professor Fabiano, por exemplo, indica o seu processo de aprendizagem pelo ensaio e erro, na medida em que vai conhecendo a turma e as atividades que se mostram mais produtivas pelas características que a mesma apresenta. É, portanto, um processo reflexivo e crítico do seu trabalho enquanto professor.

A concepção de professor adaptativo de Marcelo Garcia (2009) auxilia na compreensão desta ideia, pois se caracteriza pela capacidade adquirida de mudar as competências para aprofundá-las e modificá-las.

3 OS DESAFIOS E AS POSSIBILIDADES DA INICIAÇÃO À DOCÊNCIA

Os dados apresentados no trabalho e as análises desenvolvidas não devem ser considerados como regra para a inserção profissional dos professores iniciantes de Educação Física. Estes dados foram produzidos em uma realidade específica e com professores que possuem histórias de vida e experiência únicas. No entanto, as informações trazidas à tona e o diálogo realizado com autores que estudam e pesquisam o tema tanto nos ajudam na compreensão desta realidade quanto nos impulsionam para novos olhares e investigações.

Quanto à recepção e orientação dos professores de Educação Física escolar em suas inserções na docência constatamos que eles foram bem acolhidos pelas escolas e colegas, essencialmente no que diz respeito ao apoio “emocional”. Entendemos que a

recepção e a orientação precisam ser mais do que um mero incentivo; a recepção e orientação no início da carreira perpassam também o subsídio aos professores quanto a questões pedagógicas referentes ao trabalho docente, essencialmente no que concerne as necessidades específicas providas da prática de cada professor iniciante.

No que tange os desafios e as possibilidades percebemos que as dificuldades têm maior impacto no início de carreira docente se comparadas aos aspectos positivos desta mesma fase. Os aspectos positivos da iniciação docente na Educação Física escolar perpassam o fato de os alunos gostarem das aulas de Educação Física, o que acaba motivando o trabalho do professor iniciante. Já as dificuldades são variadas, retratando a difícil realidade da escola, a agressividade dos alunos e a dificuldade de conseguir sistematizar as aulas de Educação Física com a intencionalidade necessária de uma perspectiva curricular. Talvez nessa fase da carreira seria interessante que os professores iniciantes tivessem um acompanhamento por parte de algum professor experiente para poderem potencializar os aspectos positivos de suas práticas docentes e relativizarem suas dificuldades.

A análise da percepção dos professores sobre suas práticas no início de suas carreiras indicou que eles identificam desafios, que percebem melhoras e que se esforçam para qualificar os processos de ensino. De certa forma, eles percebem-se em um processo de aprendizagem da docência, o qual será constante nos seus desenvolvimentos profissionais.

REFERÊNCIAS

- AKKARI, A.; TARDIF, M. A inserção profissional no ensino: alguns pontos de referencia sobre uma realidade complexa. In: GUIMARÃES, C. M.; REIS, P. G. R.; AKKARI, Abdeljalil; GOMES, A.A. (Orgs.). *Formação e profissão docente*. Araraquara: Junqueira & Marin, 2011. p. 124-141.
- BARDIN, L. Tradução de Luis Antero Neto e Augusto Pinheiro. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.
- CAVACO, M. H. Ofício de professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, A. (Org.). *Profissão professor*. Porto: Porto Editora, 1992. p. 155-191.
- COSTA, A. L. A. *Construindo saberes a partir do exercício da docência: o processo de aprendizagem do professor iniciante de educação física*.

2012. 98f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2012.

FERREIRA, L. A. *O professor de educação física no primeiro ano da carreira: análise da aprendizagem profissional a partir da promoção de um programa de iniciação à docência*. 2005. 216f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2005.

FREITAS, J. T.; RAMOS, G. N. S. Opiniões de professores de educação física em início da carreira docente. In: III Congresso Internacional sobre profesorado principiante e inserción profesional a la docência, 2012, Santiago (Chile). *Anais...* 2012, p.01-12.

FREITAS, R. C. *Estudo multicaseos sobre a socialização profissional de professores de educação física em início de carreira*. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

GARIGLIO, J. Â. et al. Professores de Educação Física e a entrada na profissão docente: uma iniciação a docência singular? In: III Congresso Internacional sobre profesorado principiante e inserción profesional a la docência, 2012, Santiago (Chile). *Anais...* 2012, p.01-14.

GORI, R. M. A. *A inserção do professor iniciante de educação física na escola*. 2000. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2000.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 1992. p. 31-62.

ILHA, F. R. S. *A regulação curricular da Educação Física na escola e seus efeitos no trabalho de professores iniciantes*. 2015. 197f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2015.

ILHA, F. R. S.; KRUG, H. N. O professor iniciante e a educação física escolar: desafios que se somam. CONCEIÇÃO, V. J. S.; FRASSON, J. S. In: *Textos e contextos sobre o trabalho do professor de educação física no início da docência*. Porto Alegre: Sulina, 2016. p. 181-204.

ILHA, F. R. S.; KRUG, H. N. Os dilemas da docência de professores iniciantes de Educação Física escolar. In: III Congresso Internacional sobre profesorado principiante e inserción profesional a la docência, 2012, Santiago (Chile). *Anais...* 2012, p.01-07.

MARCELO GARCIA, C. “Políticas de inserción a la docencia”: de eslabón perdido a puente para el desarrollo profesional docente. In: _____ (Coord.) *El profesorado principiante: inserción a la docencia*. Barcelona, Octaedro: 2009b. p. 7-57.

OLIVEIRA, L. P. *O ingresso na carreira de professores de educação física: currículo e atuação docente*. 2012. 92f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2012.

O professor iniciante... - Nadiane Feldkercher e Franciele R. da S. Ilha

THOMMAZO, A. *Superando dificuldades no trato da ginástica artística na prática profissional de professores iniciantes de educação física*. 1996. 132f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade) – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1996.

Submetido em Agosto 2018

Aceito em Dezembro 2018

Publicado em Maio 2019